



58 Os empregados na primeira fábrica Frescata. Foto col. Assunção e Emídio Fortuna.

Com o que aprendeu no Montijo e com a ajuda do padraço, montou uma pequena fábrica na Quinta do Anjo, no pátio onde moravam. Era pouco mais do que um armazém com umas mesas grandes onde se desmanchavam os porcos que eram abatidos no matadouro da aldeia.

No início do negócio Carlos pode ter tido também a ajuda do seu primo Venâncio da Costa Lima, cujo pai, António José Lima, era talhante. Venâncio era 10 anos mais velho que Carlos e ficou órfão de mãe muito cedo.¹³⁹ Foi criado por uns tios numa casa agrícola e, mais tarde, começou a trabalhar com o pai, no comércio de gado e abastecimento dos talhos da região, algo semelhante ao que Carlos Frescata vai fazer também.

Por influência do padraço e apesar de ter outra namorada, Carlos casou a 12 de junho de 1927, com Gertrudes Xavier de Oliveira, uma menina filha de boas famílias, com várias propriedades em S. Brás, perto da Quinta do Piloto. Satisfeito com o negócio, perdão, casamento, João Frescata deu-lhes como prenda um terreno agrícola, uma camioneta, uma casa para morar e ajuda financeira para começar o negócio por sua própria conta.

[Outras fábricas de Carnes] O tio Zé Cebola (José Manuel Pinto) irmão do meu avô e a mulher Joaquina moravam nas Cabanas e começaram com um burrinho a levar os porcos para o matadouro da Quinta do Anjo e a vender a carne e os enchidos. Mais tarde aumentaram e modernizaram as instalações. Tinham malhadas, fabricavam as rações, tinham a desmancha e produziam os enchidos. Só não tinham matadouro. iam matar os porcos ao matadouro da Quinta do Anjo. Depois passaram a fábrica para o genro, o Artur Marques e mais tarde para os filhos. As instalações eram perto da fábrica da Coca-cola. A fábrica ainda existe e chama-se CNC.

Havia também o Agostinho Carvalho que matava os porcos na Quinta do Anjo, trazia para as Cabanas onde os desmanchavam e faziam os enchidos. Quem começou o negócio foi a mãe dele, mas depois o neto não continuou.

Testemunho de Maria do Rosário Basílio (2)

Gertrudes começou de imediato a ajudar o marido na pequena fábrica e nas vendas. Faziam linguixas e chouriços que depois vendiam no mercado de Palmela e Setúbal. Quando os filhos começaram a nascer, também eles ajudavam nas tarefas. No início da empresa o casal contou com a ajuda dos familiares – ele precisava de ajuda e os familiares precisavam de trabalho e, principalmente, de um salário. A sua principal colaboradora era sem dúvida a sua mulher, Gertrudes Xavier de Oliveira. Formavam a equipa perfeita, ela adorava-o, era rigorosa nos gastos e zelava pelo bom funcionamento da fábrica.

No modesto pátio que mais tarde seria demolido para dar lugar à fábrica nova, junto à estrada, no armazém maior

[A fábrica antiga] Trabalhei no Frescata, comecei nova e também trabalhei com o Garcia [o último dono da fábrica]. Migava carne, descarnava os ossos das cabeças dos porcos e fazia linguixas. Também trabalhei numa fábrica nas Cabanas, para o Agostinho.

Começávamos a trabalhar às 8 horas e vínhamos a pé com geada.

Eu gostava ver a mulher do Carlos Frescata, a Gertrudes, mas falava pouco com ela. Comigo nunca ralhou. Era muito bonita. Cada uma trazia comida de casa. Às vezes roubavam um bocadinho para nós comermos.

A minha reforma veio da fábrica das Cabanas. Na Casa Frescata ganhava uma bagatela, mas tinha sempre dinheiro, recebia à semana, mas não estava na lista de empregadas. Quando precisavam de pessoas íamos para lá trabalhar. O porcos eram mortos no matadouro lá na serra. Às malhadas nunca fui.

Eu nasci pouco depois da I Guerra Mundial. Na II Guerra estava grávida da minha filha e um dia vim do Brejo comprar um bocadinho de toucinho ao Frescata porque não tinha nada para pôr na panela. Custou muito porque o caminho era só areia solta e eu tinha uma barriga muito grande.

A minha filha tem agora 73 anos. Eu vou fazer dia 18 de junho 101 anos.

Testemunho de Deolinda Rosa (11)